

14º Congresso Brasileiro de Design: Conversação

Metaprojeto: uma proposta complexa

MANDELLI, Roberta; Doutoranda; UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

beta.mandelli@gmail.com

BITTENCOURT, Paulo; Doutor; UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

phbittencourt@unisinos.br

BORSA, Angelix; mestrando; UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

borsa.gal@gmail.com

BENTZ, Ione; Doutora; UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

ioneb@unisinos.br

Metaprojeto é uma temática que, apesar de muito discutida (COLLINA, 2005; GIACCARDI, 2005; MORAES, 2010; VAN ONCK, 1965; VASSÃO, 2010), permanece promissora à área de estudos do design. A abordagem de metaprojeto que iremos propor na Conversação se ancora no Pensamento Complexo. O meta, em nossa proposta, coincide com o auto-eco de Edgar Morin, que pode ser lido como [meta (auto-eco) projetual]. A noção de sistemas abertos é desenvolvida por Morin (2011) como auto-eco-organização, na qual o prefixo auto faz referência à autonomia do sistema de se criar, continuamente, e o prefixo eco postula sua dependência de outros sistemas, isto é, outras ideias, necessárias também a sua organização. Nessa perspectiva, em que a abertura se organiza pelo e no seu fechamento, tudo o que marca a irreversibilidade temporal no sistema é da ordem do acontecimento. Logo, indica novas relações irreduzíveis ao passado, provocadoras de bifurcações que carregam em si uma potência metamórfica – destabilizações e criações sistêmicas. Sendo assim, o design suscita um sistema de ideias que se organiza na medida em que está aberto a outras ideias, e essa abertura só é efetiva quando restrita, quer dizer, quando fechada de maneira a preservar sua autonomia. Essa dinâmica simultânea de abertura que se fecha e de fechamento que se abre, chamamos de estratégia. Um movimento que refirma o design como estratégico. Acreditamos, assim, que a discussão realizada possa

interessar a pesquisadores que também buscam no Pensamento Complexo novas formas de sentir-pensar-fazer design e a pesquisa em design.

Palavras-chave: Design; Metaprojeto; Complexidade.

1 Apresentação do tema

Metaprojeto é uma temática que, apesar de muito discutida (COLLINA, 2005; GIACCARDI, 2005; MORAES, 2010; VAN ONCK, 1965; VASSÃO, 2010), permanece promissora à área de estudos do design. A abordagem de metaprojeto que iremos propor na Conversação se ancora no Pensamento Complexo. Evidenciamos que há outra interpretação, formulada por Bentz e Franzato (2016), que se ocupa da discussão metaprojetual e busca defini-la a partir de uma perspectiva de deslocamentos que se fundamenta nos níveis de conhecimento de Greimas (1983) e nos princípios da Teoria da Complexidade (Morin, 2005, 2011).

Se, por um lado, há convergência entre as propostas quando o nível epistemológico é preenchido pela Complexidade - e frisamos aqui que o constructo engloba outras possibilidades epistêmicas - por outro, nossa formulação prescinde da discussão de deslocamentos para se concentrar na abertura Complexa. Sendo assim, o que entendemos pelo prefixo meta não equivale mais aos deslocamentos de níveis, mas sim à abertura no fechamento que detalharemos a seguir.

Para falar disso, Morin (2011) propõe a noosfera, atmosfera onde as ideias habitam como seres vivos, na contínua criação de si mesmas. Como toda proposta Complexa, nos cabe ressaltar que há uma dependência na autonomia das ideias. Se, por um lado, nós existimos na noosfera sujeitos às ideias, ou seja, produzidos por elas, somos nós também que as produzimos ao lhes conferir a vida de nossas crenças e a materialidade de nossos cérebros. É na organização das ideias - também a nossa - que reside a singularidade que queremos, nesse texto, cifrar como metaprojeto.

Assim sendo, oferecemos um esboço de nossa compreensão a partir de uma perspectiva noológica, isto é, nossa matéria de projeto são os próprios sistemas de ideias. Se o design, da maneira como vem sendo compreendido no Programa de Pós-Graduação da Unisinos, do qual fazemos parte, pretende-se estratégico - nos termos em que Edgar Morin desenvolve essa noção - temos fôlego para pautar essa discussão a partir da abertura dos sistemas. A noção de sistemas abertos é desenvolvida por Morin (2011) como auto-eco-organização, na qual o prefixo auto faz referência à autonomia do sistema de se criar, continuamente, e o prefixo eco postula sua dependência de outros sistemas, isto é, outras ideias, necessárias também a sua organização.

Se, nas máquinas artificiais - que compreendemos como sistemas fechados - o auto e o meta coincidem como (e somente como) relações já estabelecidas (Morin, 2015), a abertura própria à processualidade dos sistemas vivos postula que a autonomia traz consigo uma dependência ecológica. Nesse malabarismo, em que a abertura se organiza pelo e no seu fechamento, tudo

o que marca a irreversibilidade temporal no sistema é da ordem do acontecimento. Logo, indica novas relações irreduzíveis ao passado, provocadoras de bifurcações que carregam em si uma potência metamórfica – desestabilizações e criações sistêmicas. Sendo assim, um sistema de ideias se organiza na medida em que está aberto a outras ideias, e essa abertura só é efetiva quando restrita, quer dizer, quando fechada de maneira a preservar sua autonomia. Essa dinâmica simultânea de abertura que se fecha e de fechamento que se abre, chamamos de estratégia (Morin, 2011; Prigogine, 1996). Em uma compreensão dialógica, na qual os termos são reconhecidos, simultaneamente, na sua contrariedade e na sua complementaridade (Morin, 2005), definir a estratégia também passa por entendermos o programa. Se o último diz respeito a uma sequência de ações predeterminadas, isto é, relações já estabelecidas que podemos nomear como sendo os elementos de um sistema; a estratégia é a arte de integrar ao processo a aleatoriedade e a incerteza, com o redesenho constante da jornada em função do estabelecimento de novas relações. Ainda que comporte segmentos de programa, a estratégia se desenha no percurso, nas bifurcações irreversíveis do acontecimento. Em uma compreensão noológica, toda ação projetual é metaprojetual, pois expande seu domínio ao integrar novas ideias, reorganizando-se.

À estratégia do sistema suscitar um metassistema - outro sistema de ideias - para tratar de suas questões vitais, Morin (2011) associa a noção de metamorfose. Nesse processo de transformação, o sistema deixa para trás algumas qualidades, preserva outras e cria novas. É também assim que outras-novas ideias passam a nos habitar, nas pequenas-grandes metamorfoses de nossas vidas. Não podemos, portanto, ignorar que a ação é pensamento e que é justamente da nossa sensibilidade que nasce a estratégia e afirma-se a primazia da estética no design - no metaprojeto, na organização das ideias que somos nós e nossos mundos.

2 Justificativa e relevância

Além de ser o que nos une como pesquisadores, afirmar a Complexidade é também postular o método. Afinal, o design é um fazer-se que se sente e se pensa, um percurso teórico-metodológico. Nessa equação amalgamática, do sentir-pensar-fazer, temos não apenas nossa declaração epistemológica, mas também ontológica: somos o que conhecemos em nossos percursos, e entendemos que o conhecimento comporta também o desconhecido, o impensado, o inconsciente, o ainda não imaginado. Sendo assim, o meta, em nossa proposta, coincide com o auto-eco moriniano, que pode ser lido como [meta (auto-eco) projetual], onde a epistemologia encontra, dialogicamente, a ontologia. Acreditamos que a discussão proposta possa interessar a pesquisadores que também buscam no Pensamento Complexo novas formas de sentir-pensar-fazer design e a pesquisa em design.

3 Objetivos da Conversação

- Promover uma discussão teórico-metodológica para o design a partir do pensamento complexo;
- Difundir e compartilhar nossas reflexões sobre o conceito de metaprojeto;
- Compreender as percepções gerais sobre os termos metaprojeto e complexidade.

4 Descrição da Atividade

A Conversação contou com a participação de seis pesquisadores (mestres, doutores, mestrandos e doutorandos em design), além dos quatro proponentes da atividade. Iniciou com a apresentação ampliada dos conceitos aqui apresentados. Após, os participantes foram provocados a comentarem sobre as suas pesquisas recentes. O debate, então, transcorreu a partir dos pontos de convergência teórico-metodológicos dos pesquisadores presentes, tendo o pensamento complexo como elemento tensionador. Além disso, ao longo da duas horas de conversação, foram abordadas temáticas como: os desafios da pesquisa em design no Brasil; a distância entre a pesquisa, o ensino e a prática em design; a dificuldade de compreensão e articulação de conceitos operadores da complexidade, como a simultaneidade da abertura e fechamento sistêmicos; o papel do designer como sujeito, a partir da noção de sujeito complexo; o design estratégico instigado pelo conceito de estratégia de Edgar Morin; a emergência de regeneração do ethos projetual pelo design frente aos grandes problemas contemporâneos, sejam eles sociais, ambientais, econômicos, políticos ou culturais.

5 Resultados Obtidos

- Promoção da complexidade como uma visão epistemológica a ser explorada pela área do design;
- Aproximação de conceitos teórico-metodológicos do pensamento complexo com a pesquisa e a prática no design.
- Conexão entre pesquisadores que se dedicam (ou tem interesse) ao estudo da complexidade no design.

6 Desdobramentos possíveis

Os proponentes da atividade pretendem ampliar e aprofundar os conceitos debatidos durante a Conversação em artigo acadêmico a ser submetido à revista da área. Além disso, espera-se que a discussão possa incitar desdobramentos também nas pesquisas em curso dos pesquisadores participantes da atividade.

Referências Bibliográficas

BENTZ, Ione; FRANZATO, Carlo. **O metaprojeto nos níveis do design**. In: 12o P&D, 2016, Belo Horizonte. Anais... São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2016, p. 1416-1428.

GIACCARDI, E. **Metaprojeto as an Emergent Design Culture**. Leonardo, v. 38, n. 4, 2005, p. 342-349.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1983

MORIN, Edgar. **A ciência com consciência**; tradução Maria D. Alexandre, Maria Alice Araripe de Sampaio Doria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **Método 4: As ideias: habitat, vida, costumes**. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**; tradução Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015a.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

VAN ONCK, A. **Metaprojeto. Produto e linguagem**, v. 1, n. 2, 1965, pp. 27-31.

VASSÃO, C. A. **Metaprojeto. Ferramentas, estratégias e ética para a complexidade**. São Paulo: Blucher, 2010.